

Vista Alegre Fábrica de Porcelana: um caso de arquitectura sustentável

Margarida Coquim Campolargo



M.Sc., Arquitectura, (MIARQ / FAUP) Mestrado Integrado em Arquitectura / Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Arquitecta. Ílhavo [Aveiro], Portugal. <margaridacampolargo@hotmail.com>.

Maria Teresa Saraiva P. F. Dias Fonseca



Ph.D., Arquitectura. Professora da Universidade do Porto, Faculdade de Arquitectura. Porto [Porto], Portugal. <tfonseca@arq.up.pt>.

CONPADRE'2010. Apresentado no 1º Seminário de Patrimônio Industrial [Conpadre n.05/2010], Conferência Internacional sobre Patrimônio e Desenvolvimento Regional. Campinas e Jaguariúna [Brasil], 2010.

Resumo

Este trabalho estuda a unidade fabril da Vista Alegre, criada em 1824, em Ílhavo (Portugal), procurando identificar os fundamentos teóricos e práticos que lhe deram origem. Para um melhor entendimento dos princípios gerais que fundamentam e contextualizam o projecto empresarial de José Ferreira Pinto Basto contribui o estudo elaborado sobre a cidade industrial e as utopias do século XIX. Todavia, para interpretar as escolhas do fundador é também necessário conhecer o panorama nacional da época e as características do local de implantação. A evolução urbana do complexo encontra-se associada à criação de um modelo social. Os períodos de expansão correspondem a projectos específicos que apontam para uma constante remodelação e modernização do espaço. Foi feito um trabalho de sistematização por ruas sendo aqui expostas algumas das conclusões. Analisou-se ainda a repercussão que este desenvolvimento tem na população e a forma como afecta as relações sociais. Neste modelo tudo é planeado mas a população acaba por se adaptar de tal forma que tudo parece inato. Este complexo fabril surge como um espaço autónomo e sustentável. O aglomerado urbano promove o equilíbrio e a interligação entre o edificado e a envolvente bem como a relação do individuo com a sociedade. O exercício quiçá mais importante deste trabalho está relacionado com a tentativa de completar a análise dos modelos teóricos com uma avaliação da forma como se comportam quando implementados num espaço concreto. Pretendemos identificar as características que fizeram funcionar o modelo da Vista Alegre e os elementos perturbadores de um equilíbrio construído.

Palavras-chave

Vista Alegre, utopia realizada, cidades operárias.

Vista Alegre, porcelain factory: a case on sustainable architecture

Abstract

This work studies the industrial complex of Vista Alegre, created in 1824, in Ilhavo (Portugal), seeking to identify the theoretical and practical reasons which inspired its creation. For a better understanding of the general principles that underline and contextualize José Ferreira Pinto Basto's project, a study about the 19th century industrial cities and utopias was elaborated. However, to interpret the choices of the founder, it is necessary to understand the national context at that time and the characteristics of the site. The evolution of the urban complex is associated to the creation of a social model. Periods of expansion correspond to a systematic renovation and modernization of the space. An effort was made to understand the structuring of the constructions by streets and some conclusions are presented in this paper. The impact that these deployments have on the population and how they affect social relations was also analyzed. In the adopted model, everything was planned; nevertheless, the people ended up feeling adapted in such a way that it seemed spontaneous. This factory complex appears as

an autonomous and sustainable space. It promotes balance and connection between the buildings and surroundings as well as the individual's relationship with society. Perhaps the most relevant part of this exercise is related to the attempt to complete the analysis of theoretical models with an assessment of how they behave when implemented in a concrete space. We aim to identify the characteristics that made the model work and the disturbing elements of an achieved balance.

Keywords

Vista Alegre, constructed utopia, industrial cities.

Introdução

O conjunto arquitectónico da Fábrica de Porcelana da Vista Alegre, em Ílhavo [Portugal], cuja construção se iniciou em 1824, é o objecto de estudo deste trabalho. O complexo da Vista Alegre constitui uma representação da memória de um tempo que marcou múltiplas gerações e parece resistir como espaço físico, para além da sua variação funcional, o que lhe confere um carácter de relevância patrimonial.

São várias as questões que se levantam sobre um espaço concebido de raiz em torno da “*Fábrica de Porcelana e Processos Químicos da Vista Alegre*”. O projecto nasce da necessidade de albergar uma população sem um passado comum. Visamos compreender quais as respostas que oferece às necessidades de uma população tão diversificada e quais as estratégias delineadas ao longo do tempo para integrar as transformações inerentes ao seu desenvolvimento.

O objecto de trabalho é a análise da organização do espaço. Acredita-se que o estudo da contribuição da arquitectura para a constituição da história da unidade de produção da Vista Alegre introduza uma perspectiva de futuro e não de museificação do espaço. Este conjunto documenta a história de um século e meio de Arquitectura Portuguesa. No entanto, esta investigação pretende introduzir o debate, quanto a nós, sobre a problemática de temas da actualidade. O trabalho aponta caminhos para a exploração do potencial natural e social desta grande unidade de produção. Com intervenções datadas entre 1824 (início da construção do complexo fabril) e 2003 (construção do novo recinto da feira, campo desportivo e intervenção na estrutura viária) a Vista Alegre aparece como um modelo dinâmico em constante evolução.

A exploração deste tema ganha sentido sobretudo pelo facto de estarmos a atravessar um período particularmente sensível, não só na economia nacional que tem inevitavelmente repercussões na indústria, mas também na administração da fábrica que tem vindo a sofrer fortes transformações. “*Por razões comerciais de reconversão e recuperação do parque imobiliário*” (Excerto da carta de despejo enviada a alguns moradores em 23.03.2010), a nova administração da Fábrica enviou recentemente cartas a alguns moradores para abandonarem as casas que ocupam. Ainda que o objectivo do trabalho não seja julgar esta nova estratégia, da qual não conhecemos os contornos precisos, parece-nos importante destacar esta

informação que pode vir a alterar o olhar sobre o lugar. Esta ruptura pode vir a desvirtuar as características do bairro operário que foram centrais para a configuração e desenvolvimento do núcleo urbano.

Estado da Arte

Contexto histórico europeu

O século XIX é fortemente influenciado pelos modelos ideológicos decorrentes das revoluções Industrial e Francesa. Com a mudança de mentalidades e consequente evolução técnica assiste-se a uma grande alteração da paisagem urbana. A cidade industrial é sucessivamente idealizada e desenhada de modo a corresponder a novos ideais de organização social, bem como de gestão e de organização de trabalho. Os novos empresários são cultos e viajados. São os grandes herdeiros do racionalismo iluminista e de novos conceitos economicistas que se misturam com a atitude romântica que contamina este século.

Os meios de transporte passaram a desempenhar um papel significativo funcionando como um instrumento imprescindível para a deslocação de pessoas, matérias-primas e produtos manufacturados. Num mercado em plena expansão, a importância das vias de comunicação levou à valorização das cidades portuárias, palco de um importante crescimento.

Como consequência do desenrolar do processo industrial iniciado no século XVIII desenvolveu-se um pensamento urbano complexo protagonizado por arquitectos, filósofos, políticos e escritores. Emergiram novos conceitos de cidade cujo principal objectivo foi o de criar um espaço adaptado às novas exigências não só tecnológicas mas sobretudo humanas onde o indivíduo é visto como um ser único e insubstituível.

São de realçar neste contexto as intervenções dos grandes precursores do socialismo utópico: o modelo progressista desenvolvido, entre outros, por Fourier e Considerant, as experiências de Godin ou ainda os pensamentos de Robert Owen, com preocupações centradas no Homem e nas suas condições de vida.

Contexto nacional

Tal como sucedeu noutros países da Europa, em Portugal assistiu-se no século XVIII a um êxodo rural. O baixo nível de urbanização, os fracos conhecimentos técnicos e as limitações do mercado interno conduziram a um quase inexistente desenvolvimento industrial nas zonas rurais. Se por vezes esta situação levou à criação de condições de vida precárias nas cidades, também transferiu as grandes fortunas rurais que passaram a servir de base ao desenvolvimento do comércio. No

ramo industrial destacaram-se os investimentos de baixo risco como é o caso das empresas de tecidos ou de algodão.

A nível económico Portugal apresentava nesta altura um panorama bastante peculiar. De facto, o final do século XVIII e o início do século XIX são marcados por acontecimentos um pouco antagónicos. A política industrial pombalina e a crescente procura de matérias-primas por parte de Inglaterra parecem fazer florescer a economia portuguesa no final do século XVIII. No entanto, é importante salientar alguns acontecimentos como as invasões francesas e consequente fuga da corte real para o Brasil e a abertura do comércio brasileiro que cria um contexto de instabilidade. Atravessava-se assim uma fase de abrandamento da economia que culminaria com a guerra civil nos anos 30 do século XIX.

A introdução da máquina a vapor em Portugal é bastante tardia. Só na segunda década de 1800 passa a ser usada, primeiro nos transportes e de seguida na indústria. No entanto a sua utilização não se generalizou e continuou a ser mais importante o recurso à energia hidráulica e animal.

Entre os poucos investimentos feitos nesta altura evidenciou-se a aposta de José Ferreira Pinto Basto na fundação da Fábrica da Vista Alegre. Apesar de ter desenvolvido um projecto aparentemente aliciente, este não surtiu efeito a nível nacional, aparecendo como um caso isolado. O atraso na industrialização pode explicar-se pela insuficiente preparação dos recursos humanos, a dificuldade de acesso ao crédito, a falta de exploração de recursos naturais, bem como pela forte concorrência dos restantes países Europeus.

Ascensão da burguesia e sociologia da mesa

Nos séculos XVIII e XIX a burguesia está em ascensão. Com a criação de correntes como o romantismo e o neoclassicismo surgem novos conceitos, não só a nível arquitectónico como nas vivências do quotidiano. Em Portugal, no entanto, e devido, entre outras coisas, ao fraco desenvolvimento industrial, à manutenção de fortes valores tradicionais e ainda à forte presença aristocrática, as transformações não foram tão intensas como em outros países. Manteve-se a estrutura do antigo regime fazendo apenas alterações pontuais como a introdução de novos elementos em lugares de chefia.

A noção de *habitar* foi sofrendo alterações ao longo do tempo. A estas transformações associou-se, naturalmente, uma mudança física dos espaços que constituíam a casa. Durante muito tempo foi comum um único espaço servir várias funções.

Foi no século XVIII que surgiu um espaço dedicado exclusivamente às refeições. Este momento marca não só uma importante transformação na casa como no seu mobiliário. Até então, a mesa era um elemento ao qual era atribuída pouca importância, sem preocupações estéticas; era amovível, sendo coberta por grandes toalhas que a tapavam por completo. A criação deste novo espaço levou ainda à

concepção de mobiliário de apoio, no qual se investiu cada vez mais, uma vez que a sala se tornou o maior espaço de recepção.

Uma das primeiras descrições que reflectem o interesse pelo novo espaço que é a sala é-nos apresentada por D. João de N^a S^a da Porta Sequeira. A propósito da mesa escreveu:

[...] cobre-se com uma decente toalha, põe-se nela concertos proporcionados às pessoas que se hão-de sentar, uns põem logo três pratos e se tem sopa o primeiro é covo [...] (SOUSA, 2002, p. 121).

Juntando aos pratos todas as terrinas e travessas necessárias a uma boa apresentação, podemos concluir que a procura deste tipo de produtos aumentou exponencialmente no início do século XIX.

As grandes alterações na concepção da casa levaram à criação de objectos de decoração, permitindo à porcelana ganhar importância. O incremento das indústrias de manufactura cerâmica, que na Europa surgem no século XVIII, é a expressão de uma época que assume uma visão de arte pela arte. Isto leva à representação simbólica dos objectos como expressão social.

José Ferreira Pinto Basto (1774-1839), fundador da Fábrica da Vista Alegre, surge como um visionário no panorama acima descrito. Apesar de a Fábrica iniciar a sua actividade com a produção do vidro, a porcelana foi sempre o seu objectivo principal, o que conduziu a vários anos de investigação e de estudo visando a produção de porcelana até culminar no seu fabrico a partir de 1840.

Métodos de pesquisa

O trabalho incluiu a revisão de literatura e desenhos, bem como a análise espacial através de documentos gráficos, actualizados com trabalho de campo, sobretudo centradas no último século, ainda pouco documentado.

Foram consultadas várias fontes documentais como livros, monografias e teses, encontradas essencialmente na Biblioteca da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, na Biblioteca Universitária de Coimbra, nas Bibliotecas Municipais de Ílhavo e de Aveiro, bem como no espólio pertencente ao Museu Marítimo de Ílhavo e a colecções privadas.

Foi realizado ainda um vasto trabalho de campo que incluiu o acesso a documentos de vários tipos facultados pela própria Fábrica e moradores. Este trabalho inscreve-se na disciplina de arquitectura, usando os métodos de investigação e produção próprios do arquitecto. Naturalmente, teve uma importância acrescida o levantamento que foi feito de uma parte considerável das construções existentes. Como é óbvio, esta recolha de dados levou ao seu tratamento e produção de

plantas, cortes e alçados que constituíram o que podemos considerar um catálogo de apoio ao trabalho.

A escassez de trabalhos sobre a Vista Alegre tem vindo a ser colmatada nos últimos anos, sendo desenvolvidos sobretudo trabalhos sobre a produção de porcelana e sobre a Capela (património desde 1910). São bastante menos frequentes os que se dedicam ao estudo do bairro social. Assim, para obter informações mais detalhadas sobre a componente social da Vista Alegre no último século, recorreu-se a entrevistas a trabalhadores, moradores e a anteriores estudiosos, autores de publicações sobre a Vista Alegre.

O estudo comparativo com outros núcleos urbanos de origem industrial incluiu visitas a New Lanark, na Escócia, a Bois-du-Luc, cidade industrial na Bélgica, a Guise (Famelistério de Godin) e Sévres, em França. A análise destes exemplos foi muito relevante para uma melhor compreensão do modelo implementado na Vista Alegre.

Análise

Desenvolvimento urbano

[...] *A Fábrica da Vista Alegre acha-se situada a 7Km ao sul de Aveiro, no concelho de Ilhavo, e a 1Km do sul desta vila. É construída sobre a ria de Aveiro, nesta Parte conhecida pela ria de Vagos e que antigamente tinha o nome de rio Salgado. (...) Fronteira à Fábrica, na outra margem, fica a «Gafanha», antiga duna, hoje arborizada e cultivada em parte e que se estende de Vagos, para o norte entre a ria de Vagos e a de Mira* (BASTO, 1924, p. 27).

As primeiras referências ao local surgem associadas ao Bispo de Miranda, D. Manuel de Moura Manuel, que também foi Reitor da Universidade de Coimbra, e que adquiriu os terrenos no século XVII. Para Além da Capela de Nossa Senhora da Penha de França mandou construir uma casa acoplada e a Fonte do Carrapichel, que ainda hoje é um dos símbolos mais importantes da Vista Alegre.

A sua localização bastante particular captou a atenção de José Ferreira Pinto Basto que a adquiriu em hasta pública em 1816. Aí instalou a sua “*Fábrica de louça, porcelana, vidraria e processos químicos*” cuja actividade teve início em 1824.

Não sendo a primeira escolha para a implantação da Fábrica, o lugar da Vista Alegre revelou-se estratégico do ponto de vista geográfico. A proximidade de canais navegáveis que facilitam o transporte de mercadorias, bem como a forte presença de pinhais que fornecem matéria-prima poderiam ser, só por si, dois factores preponderantes nesta opção. Os estudos que precederam a instalação da Fábrica concluíram que esta era uma zona de barros de qualidade, areias finas e brancas, seixo cristalizado e inúmeros cursos de água que podiam ser usados no fabrico das

pastas. O clima local revelou-se propício à secagem, bem como ao aproveitamento de energia hídrica que nunca chegou a ser usada.

Para além das características já apontadas, Ílhavo era em 1801 um dos 25 maiores centros urbanos do país. A pressão demográfica que existia nesta zona pode ter influenciado a escolha de J. F. Pinto Basto para a instalação da Fábrica. Segundo Inês Amorim (in Aveiro e a sua Provedoria no séc. XVIII), a densidade populacional era elevada, com uma boa taxa de crescimento e um índice masculino baixo, o que indica o potencial crescimento com a instalação de novos trabalhadores. No entanto foi sem dúvida o facto de o fundador da fábrica aí possuir uma quinta, o motivo de maior peso.

A reconstituição das diferentes fases da evolução do complexo urbano não é evidente devido à falta de plantas rigorosas até ao século XX. No entanto, propomos fazer uma análise o mais exacta possível, com recurso não só a documentos escritos, como a ilustrações feitas no século XIX.

Na quinta da Vista Alegre, aquando da sua compra por José Ferreira Pinto Basto, existiam apenas a Capela da Nossa Senhora da Penha de França, uma casa de habitação do proprietário e a Fonte do Carrapichel. Estas estruturas mínimas constituem o início da composição urbana. O acesso à Vista Alegre era, no início da laboração da Fábrica, bastante limitado. Uma vez que não existia aqui nenhum núcleo urbano, a ligação às restantes povoações fazia-se apenas por três vias principais: a estrada dos Álamos, a das Oliveiras e a ponte que fazia a ligação com Gafanhas.

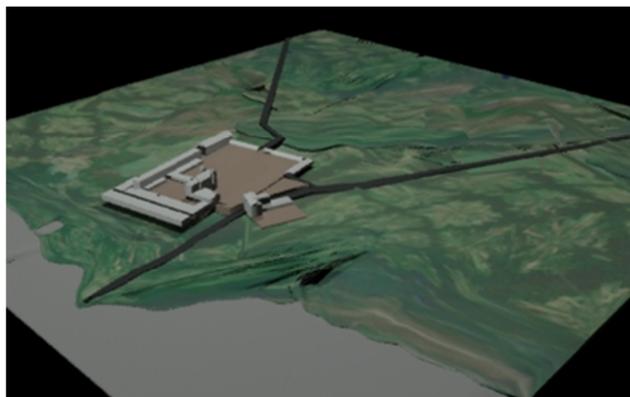


Figura 1. A Vista Alegre em 1824.

As bases do novo complexo fabril são lançadas em torno dos edifícios pré-existentes permitindo a delimitação de um largo, núcleo central do aglomerado. Em 1824, num terreno “*de forma quadrilonga de cento e doze varas¹ de comprido sobre setenta e cinco de largura, pouco mais ou menos*” (ROSA, 1995, p.44) destacava-se a Fábrica cuja fachada dominava o lado Poente e parte dos lados Norte e Sul. Pelas descrições apresentadas nos documentos referentes à primeira vistoria feita às instalações, podemos concluir que o espaço destinado à construção e expansão do complexo fabril corresponde aos terrenos entre o largo e a ria.

¹ A vara era uma unidade de medida usada em Portugal antes da utilização do sistema métrico, correspondente a 1,1 metros.

As casas de habitação, de dimensões modestas, estavam dispostas em banda, ocupando a zona Nascente. As primeiras moradias para operários tinham uma planta rectangular e cada um destes alojamentos unifamiliares dispunha de cinco compartimentos. Estas primeiras construções eram feitas em materiais locais como o adobe, pedra de Eirol e madeira de pinho. Logo nos primeiros anos de laboração foi construída a casa do administrador, a Sul da capela, aproveitando as antigas instalações existentes. Foi também nesta época que foi construído o Teatro, ainda que a informação sobre este edifício inicial, posteriormente destruído, seja escassa.

Em 1827, José Acúrsio das Neves faz-nos a seguinte descrição da Vista Alegre:

[...] um edifício de 400 palmos² de frente sobre 650 de comprido, formando um pátio correspondente, contém as casas de habitação com uma ermida ricamente edificada; as oficinas próprias da fábrica de porcelana; um laboratório químico para os produtos (...) para além deste há casas para hospedarias e currais de gado, e um cais sobre o rio (GOMES, 1924, p. 44).

Em 1870, Brito Aranha (ARANHA, 1883, p.320) escreveu sobre uma visita que fez a esta zona. Do seu discurso podemos destacar a exposição, bastante mais pormenorizada que a anterior, das diferentes oficinas, do circuito produtivo e da instalação da máquina a vapor. Do relato dos pátios sobressai a ideia de espaços muito arborizados, à imagem do que se passa nas estradas de acesso. O texto faz referência à localização da quinta e às suas ligações com o conjunto fabril.

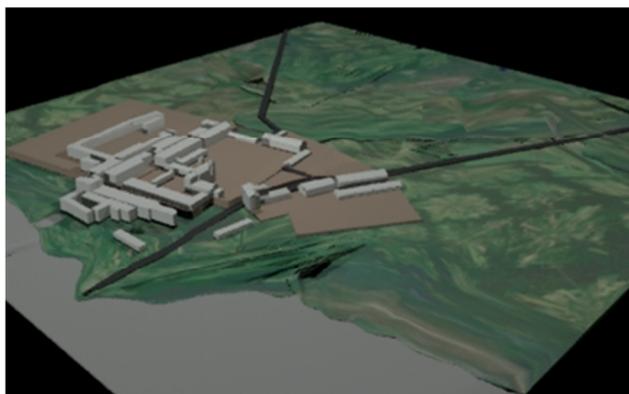


Figura 2. A Vista Alegre em 1905.

Uma planta de 1905, a mais antiga a que conseguimos ter acesso, mostra que durante o século anterior tinham sido ocupadas as casas susceptíveis de serem transformadas para expandir a área de produção. A construção de novos depósitos e armazéns sucedeu-se, alargando consideravelmente a área que ocupa a Fábrica. No arranque da estrada dos Álamos encontrava-se construído um bloco com habitações para operários.

O ano do Centenário da Fábrica, 1924, foi um marco importante na história da Vista Alegre, não só pelas comemorações que lhe estiveram associadas, mas também pela implementação de uma política de reestruturação. João Theodoro Pinto Basto tornou-se administrador da Fábrica em 1920, sucedendo a um período de

² O palmo é uma unidade de medida que corresponde a 22 cm.

estagnação na produção e na qualidade da porcelana. O novo responsável viu-se impelido a conceber uma estratégia para revitalizar a indústria. Esta fase, que se seguiu ao natural abrandamento da produção devido à primeira Grande Guerra, foi pontuada também por um grande investimento para recuperar o bairro operário. A abertura de novas estradas, largas e arborizadas, assinalou a expansão do bairro.

O núcleo urbano passou a estruturar-se de acordo com *classes sociais*, correspondentes às categorias de trabalhadores. A recuperação da casa do director, que estava em ruínas, e a edificação de 17 casas para operários, 6 para empregados e mestres e 4 para chefes de serviço, evidenciam a hierarquização da comunidade. Para sustentar a política de transformação posta em prática na década de 20 foi construído um refeitório e uma garagem para os bombeiros.



Figura 3. A Vista Alegre em 1935.

O escoamento das peças produzidas e o transporte de matérias-primas ditaram alguns traçados de vias. Para responder a estas necessidades, foram criadas linhas férreas, internas, que ligavam a Fábrica à doca. Este último ponto marcava o início da rota dos mercantéis que estabelecia a conexão com Aveiro. Daqui partiam animais, almocreves e vendedores ambulantes que asseguravam o resto da distribuição. Lisboa e Porto tinham um papel importante no que diz respeito às exportações. Uma vez que a barra de Aveiro era estreita e por isso de acesso difícil, era dos grandes portos que saíam os navios carregados. A criação de infra-estruturas nestas cidades era essencial e assim, a Vista Alegre contava com um depósito em cada uma. Devido à delicadeza do material chegaram a ser comprados camelos para o seu transporte. Esta é uma alternativa ousada e inabitual que mostra bem o investimento que os proprietários estavam dispostos a fazer, na procura de novas soluções para garantir o bom funcionamento da Fábrica.

As décadas de 30 e 40 foram caracterizadas pela construção de um grande número de equipamentos e melhoria das condições das casas existentes. Para além do Refeitório, que foi melhorado, foram construídas a Creche, uma Messe para solteiros, a Cooperativa, a Padaria, W.C. públicos e o Clube de Futebol. Com o perímetro da Fábrica estabilizado, as obras centraram-se na densificação dos espaços desocupados no seu interior.

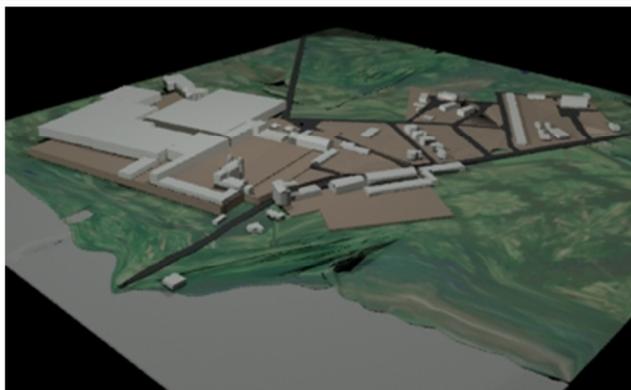


Figura 4. A Vista Alegre em 1971.

Os anos 70 foram marcados por uma forte campanha de melhoria das condições de habitabilidade. Chamada a atenção da direcção para a urgência de responder às necessidades da população que vivia, em grande parte, sem instalações sanitárias criou-se uma Comissão de Moradores para resolver o problema, solução bastante adoptada depois da revolução de 1974. A Fábrica forneceu loiça de refugio que, decorada pelos operários nas horas livres, foi vendida em quermesses. As várias iniciativas protagonizadas pela nova Comissão, com o apoio da Direcção, permitiram reunir um capital suficiente para a construção de casas de banho e apoio aos moradores na edificação de garagens. Para além da atenção dedicada às habitações, apareceram iniciativas de interesse colectivo. São disso exemplo a recuperação de estruturas físicas, como no caso da Cooperativa, e associativas, como no caso da Banda Filarmónica que foi revitalizada. Data também desta época a inauguração de um novo Quartel dos Bombeiros.

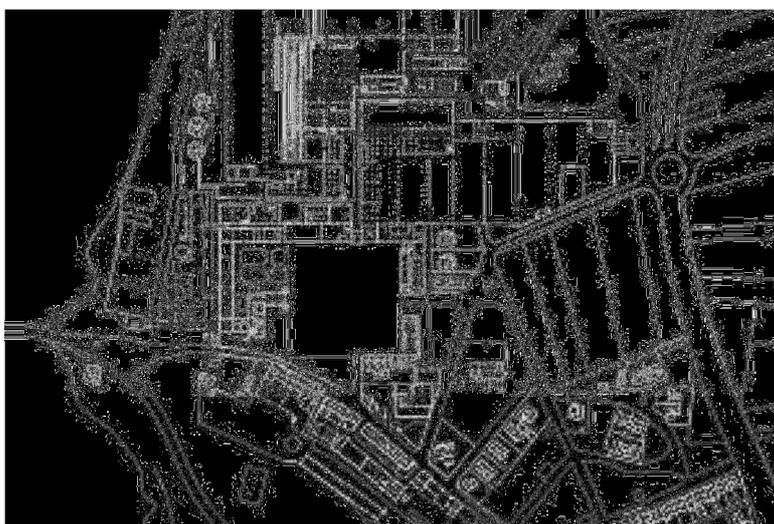


Figura 5. Planta actual da Vista Alegre. Desenho produzido por Margarida Campolargo.

Respondendo a uma constante necessidade de modernização, a Fábrica apostou, no dealbar do novo século, na construção de novos armazéns junto à ria. Uma intervenção posterior permitiu, entre outras coisas, a expansão para Norte, relocando alguns espaços importantes. Foi projectado um novo campo de futebol e um espaço para a realização da Feira dos Treze.

Quadro 1. Número de habitantes no bairro social da Vista Alegre.

Ano	Número de habitantes
1909	162 habitantes
1912	38 famílias
1924	500 habitantes
1974	251 habitantes

Elementos simbólicos

Ao longo do tempo a criação de espaços ajardinados e de largos revela-se essencial na leitura da estrutura do aglomerado. O largo da Fábrica é uma das primeiras zonas arborizadas. Neste espaço podemos encontrar uma grande variedade de vegetação. Entre pinheiros, álamos e belas-sombras³ descobre-se o espaço principal da urbanização.

Aquando da reestruturação protagonizada pelo Engenheiro João Theodoro foram projectadas novas ruas, largos e jardins, baptizados de forma a homenagear algumas das principais figuras da história da Vista Alegre e consolidar um imaginário colectivo.

A articulação de vias é, em geral assinalada por elementos vegetais de grande porte como sendo as belas-sombras. A presença de árvores, de espécies diferentes consoante as ruas, permite uma leitura mais fácil do espaço, uma vez que a um local se associa um determinado tipo de vegetação.

Num lugar cheio de simbolismo surgem marcas às quais não podemos ficar alheios. São muitos os elementos que caracterizam a paisagem e marcam momentos importantes. Temos por um lado os edifícios de representação do poder e por outro estruturas que assinalam percursos ou datas.



Figura 6. Elementos simbólicos do conjunto urbano, a Fábrica, a Capela, o Palácio, e a Fonte do Carrapichel.

³ *Phytolacca Dioica* L. vulgarmente denominadas belas-sombras.

São três os principais edifícios de valor simbólico presentes na Vista Alegre: a fábrica é o símbolo do poder económico, da indústria e do trabalho que une toda a comunidade; o palácio é o símbolo do poder administrativo que representa o proprietário numa perspectiva de modelo paternalista; a Capela, símbolo do poder religioso e que constitui um marco para as comunidades envolventes.

As fontes constituem um dos elementos mais frequentemente usado para assinalar um espaço. A Fonte do Carrapichel destaca-se por ser um dos elementos mais antigos (datada de 1693) que assinala a entrada principal da urbanização. Este elemento não só dá origem ao topónimo do lugar mas também às lendas e histórias que vão habitar o imaginário das populações. A fonte dos amores, datada de 1924, comemora o centenário da fábrica e situa-se na rua dos Álamos. No encontro desta rua com a estrada que dá acesso a Ílhavo, actual Estada Nacional, encontramos mais uma fonte. Esta entrada para o aglomerado urbano seria, segundo os relatos, ladeada por duas fontes iguais.

A construção de um “*arco romano*” em 1852 comemora a visita do rei D. Fernando II às instalações. Supõe-se que o arco, levantado pelos operários, seja o que se encontra, ainda hoje na estrada das Oliveiras e que assinala um dos acessos principais à Fábrica.

Conjunto arquitectónico

Na Vista Alegre são sem dúvida características as paredes brancas e a moldura amarela que envolve os vãos, mas a harmonia que o conjunto apresenta parece estar um pouco para além disso. Para além dos motivos que levaram à adopção de uma linguagem arquitectónica bastante própria aquando da fundação da fábrica e cujos motivos desconhecemos, a explicação para este fenómeno insere-se possivelmente na procura da ideia da “*casa portuguesa*”⁴ que surgiu nos anos 20 do século passado, em Portugal.

Com o início do século XX e sobretudo com Estado Novo (que vigorou desde 1933), surgiu o objectivo de construir uma nação baseada num novo quadro de valores. As mudanças políticas levaram à exaltação da família e dos bons costumes, operando alterações sociais e comportamentais que tiveram inevitavelmente repercussão no modo de habitar. Os costumes e a tradição passaram a ter um peso muito importante e eram considerados o ponto de partida para que houvesse harmonia em todos os campos. Assistiu-se por isso à valorização da “*casa portuguesa*”⁴ e consequente construção de casas com motivos tipicamente nacionais.

⁴ Conceito que surge nos anos 20 em Portugal e que Raul Lino explora no seu livro Casas Portuguesas.



Figura 7. Casa na Rua dos Álamos.

Apoiando-nos nas ideias exploradas por alguns arquitectos da época, podemos encontrar paralelismos entre esta corrente e o que sucede na Vista Alegre. São recorrentes alguns elementos como as torções, introduzidas na planta dos corredores de distribuição, que criam espaços com formas bastante variadas, as chaminés que ritmam os alçados e os espaços ajardinados que marcam a entrada da maioria das habitações. Os jardins na frente das casas separam-nas do espaço movimentado da rua, criando uma zona intermédia que acentua a individualidade do lar. As entradas, feitas através de alpendres ou telheiros, são outro dos elementos muito presentes no aglomerado urbano e características da ideia da “*casa portuguesa*” preconizada por Raul Lino.

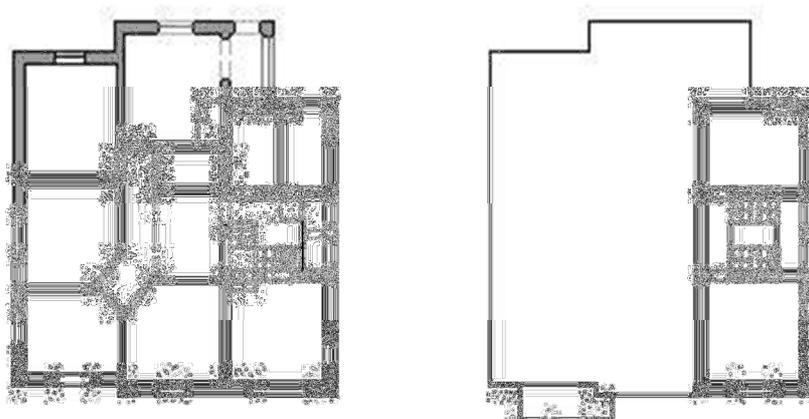


Figura 8. Planta da casa P, rés-do-chão e primeiro piso. Levantamento feito por Margarida Campolargo.

A harmonia parece ser garantida não só pela arquitectura mas também pela forte presença da vegetação. Inseridas em espaços verdes, estas casas parecem desenhar um espaço bucólico com características bastante particulares. A casa não se limita à sua estrutura física, sendo um elemento complexo que exige uma organização espacial particular. Esta organização está sujeita às características do meio cultural onde se insere. Isto é particularmente visível na Vista Alegre, que parece adaptar elementos da arquitectura, sobretudo nacional, submetendo-os às características locais.

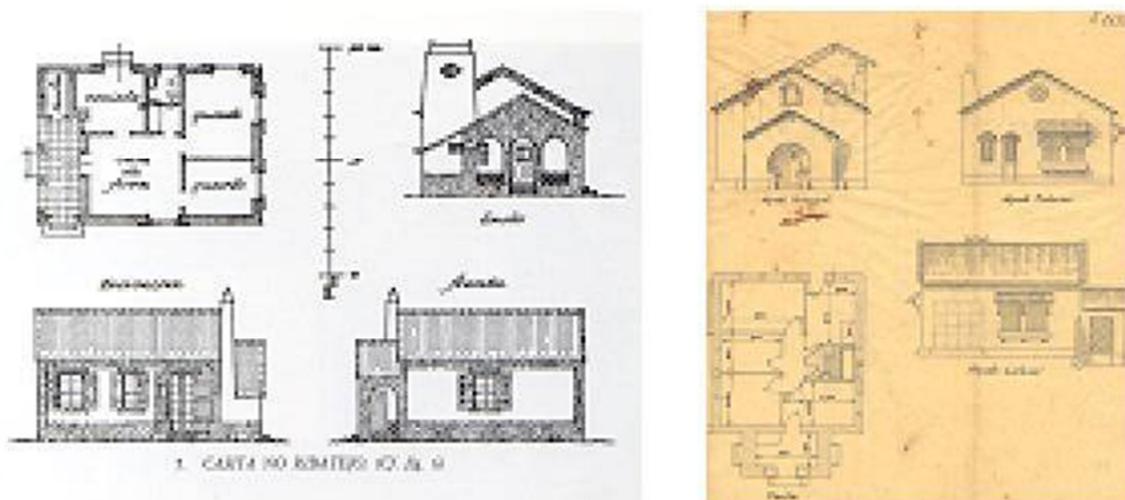


Figura 9. A influência da “casa portuguesa na Vista Alegre. À esquerda um projecto de Raul Lino. Fonte: LINO, Raul. *Casas Portuguesas*. 11ª ed. Viseu: Livros Cotovia, 2007. À direita, uma casa na Vista Alegre. Fonte: Arquivo da Fábrica.

A intervenção de artistas, nacionais e internacionais, de renome fez-se sobretudo na área de produção. Foram convidadas figuras incontornáveis da arte em Portugal, a partir de 1920, como é o caso de Leitão Barros, Roque Gameiro, Manuel Cargaleiro, Raul Lino. Estas colaborações mostram o interesse que os proprietários demonstram pelas correntes artísticas de cada época. É natural por isso que o interesse pelas artes tenha influência sobre a urbanização.

Havia uma equipa projectista liderada por um engenheiro director que recorria a arquitectos de Lisboa e do Porto, assumindo os seus esboços e submetendo-os ao licenciamento. As encomendas obedeciam a orientações muito específicas. A intervenção de profissionais especializados no bairro social foi reduzida e está pouco documentada. No entanto, ao longo do tempo, assistimos a uma progressiva preocupação em atribuir os projectos a arquitectos. Podemos encontrar referências a António José de Brito e Cunha e a Luís Benavente e Vasco Regaleira que conferem um carácter mais erudito às habitações.

Modelo social

Não havendo aglomerados urbanos na zona da Vista Alegre⁵, uma das prioridades foi a criação de condições de permanência de mão-de-obra suficiente para assegurar o bom funcionamento da Fábrica. Os registos paroquiais não mencionam nenhum baptismo, casamento ou óbito nesta zona antes de 1826, daí que possamos concluir que foi a Fábrica o motivo da fixação da população.

⁵ A povoação mais próxima a 1km a norte era a de Ílhavo, cuja população se dedicava essencialmente à pesca. As Gafanhas ainda não constituíam núcleos urbanos, destacando-se a sul a povoação de Vagos, que dista 4 km da Vista Alegre.

Os primeiros habitantes que aqui se instalaram eram oriundos de diversos pontos do país, sendo o requisito principal para a sua contratação os conhecimentos técnicos na área do vidro. Assim, vieram operários da Marinha Grande, de Lisboa, do Porto, de Viseu, de Ovar, de Coimbra. Os trabalhadores vindos de Ílhavo, Aveiro e Vagos constituíam uma minoria nesta primeira fase. Por isso, para alojar o pessoal, foram construídas casas para empregados e operários.

Quadro 2. Número de trabalhadores da Fábrica e algumas contratações mencionadas em documentos consultados.

Ano	Notícias de contratações	Nº total de trabalhadores
1824	5 oficiais e 10 ajudantes	
1826	31 oficiais, 15 aprendizes, e 27 serventes	150 a 200
1854		104
1865		155
1869	120 homens, 30 mulheres, e 30 trabalhadores da quinta	175
1890		224
1920		400
1924		600
1959	Quinzenal: 606homens, 285 mulheres Mensal: 108 homens, 10 mulheres	1009

A falta de um sistema de ensino nacional e de escolas especializadas obrigou a que o ensino fosse ministrado nas fábricas até meados do século XIX. A nível nacional existiram algumas iniciativas privadas que contemplaram a criação de escolas para assegurar a produção. Aos factores económicos, juntam-se os relacionados com o interesse em proporcionar o bem-estar da população.

A criação desde cedo de um Colégio com Internato na Vista Alegre, situado a Nascente do pátio principal, em 1826, revela a aposta do fundador na formação do pessoal. Tendo em conta o mapa enviado pelo Corregedor da Comarca de Aveiro à Real Junta do Comércio, podemos considerar que em 1826 eram vinte e sete os aprendizes, repartidos pelas fábricas de vidro e porcelana, que aprendiam a ler, escrever, contar e a doutrina cristã.

Dos aprendizes contratados entre 1826 e 1828, a maioria eram crianças com menos de nove anos. Entre os aprendizes havia filhos de trabalhadores que estavam ao cuidado dos pais. Quanto às restantes crianças, era o próprio fundador que se responsabilizava pela estadia e educação, exigida a todos os trabalhadores. Encerrado em 1842, aquando da criação das escolas do Estado, o Colégio chega a acolher quarenta alunos. Estes aprendiam “*as primeiras letras pelo método de ensino mútuo e também música, e tocar alguns instrumentos*”. (GOMES, 1924, p.44) A Vista Alegre acolhia, para além dos filhos dos trabalhadores, alguns órfãos. Os rapazes integravam este Colégio mas as meninas eram instruídas num colégio fora

da Fábrica, onde aprendiam matérias diferentes, mais adequadas à sua condição na sociedade.



Figura 10. Aula de pintura. Fonte: colecção particular.

Há notícias de uma aula a funcionar em 1845, com cinco alunos, depois de um encerramento de três anos. Estes alunos aprendiam desenho, música e um ofício fabril. O ensino da pintura e do polimento de ouro e porcelana eram mais indicados, na época, à condição feminina.

A Fábrica facultava ainda o ensino gratuito de pintura e desenho que se manteve até à abertura, em 1894, da Escola Industrial de Aveiro.

Ao longo dos anos a Fábrica sofreu alguns momentos de incerteza associados aos problemas de produção. Estes tiveram uma grande repercussão nos trabalhadores. O trabalho já de si era penoso e os horários longos. A grande desigualdade salarial agudizava esta situação. O pagamento fazia-se à jornada consoante a tarefa, empreitada e categoria. Justifica-se por isso, o grande investimento que a Fábrica fez para prestar serviços de qualidade. Estes tinham de ser suficientemente aliantes para que a população não tivesse necessidade de sair deste espaço.

Ao mesmo tempo que se desenvolviam as actividades educacionais, sobretudo direccionadas aos mais novos, eram lançadas as primeiras pedras de equipamentos que iam albergar associações de carácter cultural.

O Teatro desempenhou, como muitos outros edifícios, várias funções. Com a chegada do cinema e a aquisição de máquinas projecção este edifício passou a acolher, aos fins de semana, uma plateia ansiosa por descobrir novos filmes.

A organização de festas e torneios passou, por volta de 1920, a estar a cargo de uma Comissão de Desportos e Recreios. Em 1926, nos estatutos do Grémio, é-nos apresentada uma descrição da sua sede que contava com uma sala de leitura, uma sala de jogos, uma biblioteca e um espaço para desporto ao ar livre.

O futebol é, sem dúvida, o desporto no qual a Fábrica mais investe. Trazido de Inglaterra por bisnetos de José Ferreira Pinto Basto começou a ser praticado, ao que tudo indica, na Vista Alegre a partir do último quartel do século XIX. Em 1921

[...] um grupo de novos rapazes resolveu fundar aqui na V. Alegre um centro de Sport a que deram o nome de «Sport V. Alegre Club» (Carta de Agosto de 1921).

Este clube vai ganhando força e em 1952 inscreve-se na Federação Portuguesa de Futebol. A Fábrica cedeu um terreno para a prática deste desporto, em 1924, que sofreu melhorias nos anos 40, e a partir de 1946 transformou a Cocheira em Sede do Clube.

Já no século XX a Fábrica patrocinava a exposição de objectos produzidos pela própria e decorados pelos operários. Expostos geralmente durante a altura da Festa da N^a S^a da Penha de França, eram atribuídos prémios às melhores peças, entregues pela Administração. A aposta nestes eventos permitiu aos trabalhadores verem recompensadas as suas qualidades de artistas.

Para a ocupação dos empregados eram promovidas festas populares, romarias, feiras e danças. A Feira dos Treze é um acontecimento que pauta a vida da comunidade. Esta foi, durante muito tempo, uma das principais formas de contacto com as localidades vizinhas. O abastecimento de bens de consumo básico necessários à população era garantido pelos vendedores que chegavam um pouco de todo o país. Ocasionalmente a Banda da Fábrica acompanhava os bailes que se desenrolavam, na primeira metade do século XX, na actual rua Rissoto. Às peças de teatro e à Feira juntam-se as actividades religiosas que constituem uma parte essencial da vida da população. Para além do marco físico que constitui a Capela da N^a S^a da Penha de França, a Igreja tem um papel primordial na comunidade. A maioria destas actividades tomava lugar no Largo da Fábrica, que era o palco principal de contacto entre os habitantes. Hoje existem novas infra-estruturas que acolhem parte destas actividades.

A par das actividades propostas para diversão dos trabalhadores, havia uma preocupação com a manutenção das zonas comuns. Um serviço preventivo contra incêndios é mencionado no Inquérito Industrial de 1890 e prevê a existência de três bombas de incêndio e a formação de pessoal. O Corpo de Bombeiros Privativo da Vista Alegre foi criado em 1880 sendo que o plano foi pensado de forma a garantir uma organização fabril disciplinada e a prestação de serviços essenciais.

Na década de 20 do século XX foi criada uma secção de higiene, responsável pela limpeza das ruas e remoção de lixos, uma secção de abastecimento de água e luz, outra de jardinagem e uma secção escolar para dirigir a instrução.

A assistência médica era assegurada pela Fábrica que, em 1927, criou o Montepio, garantindo o auxílio aos seus sócios em caso de doença ou de uma contrariedade que não lhes permitisse trabalhar. Eram ainda atribuídas pensões aos sócios incapacitados e subsídios de funeral. Mas o Montepio não fornecia apenas auxílio médico, estipulava também algumas regras da Fábrica e da urbanização.

A Vista Alegre surge como um pequeno paraíso, sobretudo em épocas de dificuldade. Fazendo uma leitura comparativa com a situação mundial, podemos destacar alguns elementos interessantes. Apesar dos acontecimentos históricos e políticos do século XX, a Fábrica reforçou meios para garantir que a população não passava necessidades. Assim, mesmo quando a comida era racionada, durante as Guerras Mundiais por exemplo, na Vista Alegre era garantida a distribuição de bens essenciais. Foi criada a Padaria para a produção própria de pão e manteve-se a

venda de produtos a preços competitivos. A Cooperativa, já existente em 1920, tinha por fim fornecer aos sócios géneros alimentares e artigos considerados necessários à sua vida, a preços competitivos.

Hoje a grande maioria destes serviços estão extintos e os equipamentos quase todos devolutos. A sua degradação parece acompanhar a lenta desertificação do lugar. Os equipamentos eram essenciais à vitalidade da Vista Alegre.

Sustentabilidade do Modelo

A criação de um aglomerado sustentável fez com que a população se fixasse e não sentisse necessidade de sair. Trabalhadores e patrões partilhavam interesses e objectivos. O facto de se moverem no mesmo espaço físico levou a um conhecimento mútuo que deu lugar a relações afectuosas. São disto exemplo os casamentos entre os filhos dos trabalhadores que acabavam por escolher como padrinhos os seus colegas de trabalho. Esta noção de proximidade é fomentada pela família Pinto Basto que, possivelmente numa perspectiva paternalista, pretendia integrar a comunidade, ainda que não habitasse a tempo inteiro na Vista Alegre. Os proprietários eram frequentemente convidados para apadrinhar crianças ou casamentos, o que faziam, quase sempre, por procuração.

Esta é uma sociedade que se nos apresenta muito estratificada, onde existe uma diferença não só entre proprietários e empregados, mas também entre os próprios trabalhadores. A hierarquização não se manifesta apenas no interior da Fábrica mas reflecte-se na urbanização. Os trabalhadores são repartidos, consoante a categoria, por ruas. Isto leva a que no seio da comunidade se criem pequenos grupos diferenciados, ainda que não herméticos.

Criando um objectivo comum, a Fábrica serve de elo de ligação entre pessoas com origens bastante diferentes. Cada fase de expansão do núcleo urbano corresponde à chegada de trabalhadores de diferentes áreas e com diversas origens. Num local onde a Administração vive lado a lado com o operário, é inevitável que seja a Fábrica o ponto de contacto entre as diversas realidades. Ainda que seja imposto um sistema fortemente hierarquizado, a Fábrica, único interesse comum, leva à criação de relações de proximidade.

A vida da povoação gravita em volta da vida industrial da Fábrica. Todos têm interesses nos resultados da laboração, todos se ocupam do que ali se passa.
(BASTO, 1924, p.28).

A Fábrica exerce sobre os trabalhadores uma influência de tal forma importante que não se limita a ritmar os seus dias de trabalho. Os valores incutidos pelo fundador e mais tarde pelos seus descendentes passam a reger a vida de toda a comunidade. O código de conduta social que a Fábrica propõe é, por isso, aceite por todos. É importante realçar o sentido moral e social dos artigos descritos no Montepio. Um destes pontos refere-se à obrigatoriedade de todo o sócio possuir um regulamento e de

[...] *zelar pelos interesses e bom nome do Monte Pio, não praticando actos que o prejudiquem moral ou materialmente* (Regulamento: Monte-pio da Fábrica de porcelana da Vista Alegre, 1927, p.5-6).

Morar na Vista Alegre era um privilégio. Na segunda metade do século passado, para se ter direito a uma casa, as alternativas eram poucas. Regra geral, às moradias tinham direito as pessoas nascidas na Vista Alegre, as que se casavam com um habitante da comunidade ou as que a fábrica tinha necessidade de assegurar para o seu bom funcionamento.

Para além do rendimento diário, as famílias que habitavam na Vista Alegre tinham direito a algumas regalias. Existia um grupo de trabalhadores responsável pela manutenção das casas e dos espaços comuns. Dos trabalhadores da Fábrica faziam parte jardineiros, carpinteiros e electricistas, entre outros, que ajudavam a manter o espaço cuidado. Para reparações ou pequenas obras os habitantes podiam recorrer, não só à mão de obra referida, mas também ao material fornecido pela fábrica, a pedido⁶. As casas eram por isso mantidas em condições bastante superiores às que tinham a maioria das casas dos operários que vinham das localidades circundantes.

Mas um modelo com a complexidade do da Vista Alegre vivia ainda de outros elementos importantes. A reutilização de materiais é um dos elementos que destacamos neste trabalho.

Disto são exemplo os tamancos fornecidos aos trabalhadores pela própria fábrica que impedia a entrada de operários descalços. Inicialmente feitos à medida, os tamancos eram compostos por uma base de madeira e uma tira de lona. As tábuas dos caixotes usados no transporte de louça eram cortadas à medida e cobertas com borracha e a lona, usada no processo de fabrico da pasta, era cortada em tiras para aplicar no calçado. É de notar o avanço da solução encontrada, numa altura em que a reutilização de material não era prática comum.

De forma semelhante, surge a reutilização das gazetas usadas pela Fábrica para cozer peças de porcelana. Quando deixavam de ser utilizadas para o fabrico eram aplicadas nas ruas da urbanização, criando um remate para escoamento de águas. Estas peças serviam ainda, em alguns casos como recipientes para alimentação de animais.

Para além do material facultado voluntariamente e sob diferentes formas pela Fábrica, os operários aproveitavam alguns produtos sem conhecimento oficial da empresa. Por trás da Fábrica, nos terrenos junto à ria, pelo menos no século XX, existia um espaço a que chamavam de “*labirinto*”. Aqui eram partidas as peças com defeito ou não utilizadas. Parte destes produtos, apesar de imperfeitos podiam ainda ser usados. Era, por isso, prática comum as pessoas irem para o “*labirinto*” procurar o que pudesse ser aproveitado.

⁶ A consulta de documentos como o Mapa das despesas de conservação de edifícios, do ano de 1960, permitem perceber que a fábrica fornecia materiais para pequenas obras. No caso das transformações de maior envergadura como é o caso da construção de volumes para instalações sanitárias e garagens, nos anos 70, foi necessária a mobilização dos trabalhadores que criaram uma comissão apoiada pela fábrica. Nos últimos anos todas as transformações estão a cargo dos habitantes.

Os proprietários possuíam um grande património por todo o país com a aquisição, no século XX de várias fábricas, como é o caso da electrocerâmica. Por isso, para além de assegurar um sistema autónomo na Vista Alegre, podemos especular acerca de um modelo sustentável do qual faz parte todo o património dos Ferreira Pinto Basto uma vez que os produtos de uma fábrica são usados na construção da outra.

Uma fábrica que cria arte parece ter de a consumir e neste caso cria-se um sistema sustentável. Na Vista Alegre cultiva-se a ideia de um lugar mágico, envolto em secretismo. Esta ideia revela-se muito importante para a construção do modelo social, perdurando até hoje.

Para a sobrevivência da Fábrica é necessário que a Vista Alegre forme artistas. Todo o espaço é, por isso organizado em torno da cultura. Para além da música, desenho e pintura, essenciais para a formação pessoal, é cultivada a beleza do local que pretende ser inspirador. A Fábrica estendia a sua magia ao mundo exterior. Isto reflecte-se através da forte presença de vegetação que pretende criar cenários encantadores, da arquitectura e da paisagem própria do local.

O espaço urbano era vivido por todos, mas as crianças desfrutavam dele, sem dúvida de forma diferente. As brincadeiras eram, na sua maioria sazonais, ritmadas, tal como o trabalho dos pais pela Fábrica e pelas características do aglomerado. Para além dos poucos casos que tinham acesso a brinquedos comprados, os jogos faziam-se com o que a fábrica fornecia, juntando com muita imaginação ao que a natureza oferecia.

Os rolamentos, que deixavam de ser usados pela Fábrica eram cedidos às crianças que com eles construíam os carrinhos com que brincavam. As árvores eram outra fonte de inspiração que, consoante a época do ano forneciam material para as brincadeiras. Os jogos realizados nas festas eram preparados com antecedência e com treinos. Estes eram feitos com cordas amarradas aos álamos que permitiam fazer força para preparar fisicamente os intervenientes, para se defrontarem homens contra mulheres.

As actividades lúdicas sempre foram encorajadas, fosse através da criação de organismos próprios para a sua realização, como é o caso do recreatório ou a secção náutica, fosse de forma menos explícita com a doação de material, nem sempre de forma oficial.

A Vista Alegre habita o imaginário da população. O aglomerado urbano dá lugar a um espaço envolto em misticismo à volta do qual surgem inúmeras lendas. Desde "*mouras encantadas*" que guardam túneis secretos, à certeza que alguns afirmam ter da existência de minas de ouro e outros metais. Já antes da fundação da fábrica, este espaço está associado a histórias fantásticas. Exemplo disso é a construção da capela que muitos afirmavam ser obra do diabo. De formas muito variadas, o lugar impregnado na memória colectiva das populações circundantes, tem uma forte carga simbólica.

Resultados

No âmbito das cidades utópicas, a Vista Alegre é um exemplo acabado, merecedor de uma atenção particular. Se é verdade que a concepção inicial deste espaço visa seguramente objectivos de gestão e organização do trabalho e leva à imposição de um modelo de vida comunitário pelos patrões da Fábrica, não é menos verdade que a população acaba por se apropriar dele e transformá-lo numa forma de estar quase romântica e “*mítica*”, da qual se orgulha.

A forte conotação simbólica associada a elementos de destaque – arcos, fontes, largos, jardins – ajuda à criação de uma memória colectiva que é enfatizada pelas referências constantes à história e às personagens marcantes do local. Desenvolve-se assim um sentimento de pertença a uma plêiade que se orgulha de estar associada a uma marca de projecção internacional.

Da comparação com Sèvres, relativamente à qual há afinidades significativas no processo industrial, ressaltam na Vista Alegre a dimensão mais humana do conjunto, a homogeneidade e a beleza bucólica do local, mais inspiradora do sentido artístico e fixadora de artesãos numa zona afastada de outros centros populacionais. Da comparação com o Familistério, um pouco mais tardio, sobressaem a semelhança nas componentes essenciais de instrução e cultura, embora a estratificação social seja mais evidente na Vista Alegre. As maiores semelhanças com New Lanark levam-nos a considerar que este será de facto o modelo inspirador do Fundador. As ideias progressistas de Owen são difundidas em Inglaterra nos meios industriais, tendo muito provavelmente influenciado José Ferreira Pinto Basto aquando da estadia prolongada do seu irmão em Londres, com o qual mantinha contacto regular. Os dois locais adoptam um sistema auto-suficiente, sendo evidente o paralelismo das soluções encontradas para responder às necessidades – grande aposta na instrução e cultura, criação de uma creche e de um sistema Mutualista, protecção do trabalhador e criação de condições para uma melhor qualidade de vida, entre outros.

Do ponto de vista arquitectónico, a Vista Alegre, marcadamente portuguesa, incorpora as correntes em voga, adoptando aspectos inovadores que se fundem com a imagem tradicional que ainda hoje perdura.

A primeira fase de estabelecimento do núcleo urbano inicia-se com a instalação da Fábrica em 1824 e dura aproximadamente um século, culminando na fixação de uma massa crítica de operários. Segue-se uma fase de reestruturação da Fábrica e do espaço urbano envolvente, muito vigorosa, sob o impulso do Eng. João Theodoro, que se inicia em 1924 e na qual se constroem, em duas vagas consecutivas, uma quantidade significativa de novas casas e ruas. Esta fase que se estende até meados do século XX, sofre grandes influências das tendências revivalistas que se propagavam na época e sectoriza o espaço, hierarquizando a comunidade. Esta fase consolida também o núcleo urbano como hoje o conhecemos. Posteriormente, as intervenções são de menor escala, podendo

considerar-se esta última fase indo dos anos 50 até ao fim do século. A década de setenta sobressai pelas melhorias das condições de habitabilidade introduzidas com a construção de instalações sanitárias e garagens. Com o dealbar do novo século, novos desafios se lançam a esta comunidade.

A análise do complexo urbano da Vista Alegre foi feita tendo em conta não só a sua vertente vanguardista da época de construção mas também a sua capacidade de adaptação no tempo. A Vista Alegre revela-se um modelo de gestão económica e social que resiste como alternativa aos modelos urbanos existentes. Essa capacidade de regeneração advém directamente da relação simbiótica entre vida privada e vida profissional que só existe porque o bairro é habitado por moradores-trabalhadores.

Deixar aumentar a percentagem de casas devolutas, não inverter a tendência de degradação do conjunto e não ter capacidade de atrair funcionários para habitar o bairro comprometem, a prazo, a persistência do modelo que defendemos dever ser preservado. O mesmo se pode dizer se a opção for a de alterar o tipo de ocupantes preferindo exclusivamente, por exemplo, uma ocupação sazonal ou temporária de tipo turístico.

Muito para além do reconhecimento do valor da marca V.A. como embaixadora de Portugal no estrangeiro e da Capela como Monumento Nacional, afigura-se-nos importante considerar o núcleo urbano como património nacional valorizado e protegido. Neste contexto a valorização histórica e turística deste complexo garantiria a preservação de um dos raros exemplos “vivos” do processo de industrialização do país.

Investir na restauração de equipamentos, com objectivos de prestar serviços à comunidade (creche e teatro, por exemplo) ou apenas de recordação histórica (barbearia, dormitório, casa dos farnéis, entre outros), pode ser uma solução para revitalizar o espaço, dando continuidade à função cultural que desempenham a Capela e o Museu. Igualmente importante seria enriquecer as actuais visitas à fábrica com um circuito que incluísse o acesso a alguns edifícios do “bairro operário”, fazendo sobressair o contexto social e histórico. Tendo em consideração as circunstâncias actuais, a Vista Alegre deve ser considerada como parte de um conjunto maior que inclui Ílhavo e Aveiro e não como espaço isolado que era aquando da sua fundação. Parece ser necessário, por isso, melhorar as condições de acessibilidade e investir numa campanha de informação e divulgação do lugar, com integração mais clara nos roteiros turísticos.

Referências

ARANHA, Brito. **Memórias Histórico Estatísticas de algumas Vilas e Povoações de Portugal**. Lisboa: A. M. Pereira, 1883.

ARIÈS, Philippe. **História da vida privada**. Edições Afrontamento, 1991.

BASTO, João Theodoro Ferreira Pinto. **A Fábrica da Vista Alegre**: o livro do seu centenário 1824-1924. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1924.

BRANDÃO, J. Pinto. As casas operárias da 2ª circunscrição industrial in **Boletim do trabalho Industrial**, nº66, Lisboa: Ministério do Fomento, 1912.

CHOAY, Françoise. **L'urbanisme utopies et réalités**. Éditions du Seuil, 1965.

FANECA, Nélida Oliveira. **A Vista Alegre**: uma unidade urbana no âmbito da construção de bairros operários do período industrial. Dissertação de Mestrado, FAUP, Porto, 2001.

FRASCO, Alberto Faria. **Mestres Pintores da Vista Alegre**. Porto: Livraria Figueirinhas, 2005.

GIRÃO, Luis Ferreira. As casa operárias 1ª circunscrição. in **Boletim do Trabalho Industrial**, Lisboa: Ministério do Fomento, 1911.

GOMES, Marques. **A Vista Alegre**: Memória Histórica. Aveiro: Tip. Minerva Central, 1924.

GONÇALVES, José Manuel. **Mesas em Portugal**. Lisboa: Estar editora, 1995.

LINO, Raul. **Casas Portuguesas**. Viseu: livros cotovia, 11ª edição, 2007.

MATTA, Caeiro da. **Estudos Económicos e Financeiros, Habitações Populares**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1909.

MATTOSO, José. **História de Portugal**, editorial Estampa, 1993.

MORGADO, Manuel. **Memórias do "Reino do Rio"**. Vista Alegre, 2006.

NEW LANARK. **Histoire de New Lanark**. New Lanark [Escócia]: Conservation Trust, 2001.

PEREIRA, Paulo. **História da arte Portuguesa vol III**. Barcelona: Circulo de leitores, 1995.

PESSANHA, José. **A Porcelana em Portugal**: a Fábrica da Vista Alegre. Lisboa: Livraria Aillaud e Bertrand, 1924.

PIRES, Guilhermino. **Vista Alegre Porcelanas**, Edições Inapa. 1989.

RODRIGUES, Manuel Ferreira. **A indústria cerâmica em Aveiro** (final do séc. XIX – início do séc. XX) contribuição para o seu estudo. Coimbra, 1990.

RODRIGUES, Manuel Ferreira. **História da Indústria Portuguesa da Idade Média aos nossos dias**. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1999.

RODRIGUES, Manuel Ferreira. **Vidro e Vidreiros na Vista Alegre**, Documentos para a História da Fábrica fundada por José Ferreira Pinto Basto: 1824-1839, Lisboa, 1994.

ROSA, Laura Marques. **A Vista Alegre uma instituição diferenciada no âmbito da indústria portuguesa do século XIX (1824-1900)**, Lisboa, 1995.

SARAIVA, José Hermano. **Diário da História de Portugal vol. 2**. Lisboa: Difusão Cultural, 1994.

SAY, Stephen Mac. **De Fourier à Godin**, Le Familistère de Guise. Baye: Editions La Digitale, 2005.

SICA, Paolo. **Historia del urbanismo**. El siglo XIX, vol. 2. Instituto de estudios de Administración Local de Madrid, 1981.

SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos. **Artes da mesa em Portugal**. Porto, 2002.

Fábrica da Vista Alegre, 150 anos de trabalho prestígio e expansão, Vista alegre, 1974.

Arquivo da Vista Alegre, fontes manuscritas e impressas:

Estatutos da Cooperativa da Vista Alegre de 24 de Julho de 1920.

Cooperativa de consumo do Pessoal da Fábrica da Vista Alegre, Estatutos e regulamento interno, tip. Beira Mar, Ílhavo, 1965.

Estatutos do Grémio do Pessoal da Fábrica da Vista Alegre, tip. Minerva, Ilhavo, 1926.

Estatutos do "Sport Vista Alegre Club", casa Minerva, Ilhavo, 1922.

Regulamento: Monte-pio da Fábrica de porcelana da Vista Alegre, Tip. Casa Minerva, Ilhavo, 1927.